

NACIONAL

MATO GROSSO DO SUL

# Um índio se mata a cada seis dias e meio

Celso Bejarano Jr.  
 Especial para Meridional

**Dourados (MS)** — Tristeza. Em nome dela, 231 índios sul-matogrossenses se suicidaram de 1982 para cá. Do início do ano até agora, a cada seis dias e meio um índio se mata — foram 49 até a semana passada. Mais da metade tinha menos de 24 anos de idade.

Estudos antropológicos, historiadores e líderes indígenas apontam como causas desta tragédia o confinamento geográfico e o desmoronamento cultural. Os índios entendem que essas mortes são apenas o fim de uma agonia que costumam classificar como tristeza.

O suicídio parece ter virado uma espécie de moda macabra nas aldeias a partir de 1990, ano em que 36 índios se mataram. No ano anterior, órgãos oficiais registravam nove suicídios.

Setenta por cento desses 231 índios eram jovens e do sexo masculino. Geralmente, os suicidas têm histórias angustiantes que talvez expliquem suas atitudes. Eles sofriam com a falta de perspectiva de vida ou um mal contado caso de amor, por exemplo.

**Perdão** — Essa pode ter sido a razão do último suicídio que a Fundação Nacional do Índio (Funai) tomou conhecimento na reserva de Dourados, onde vivem as comunidades terena e guarani kaiowá.

O guarani Sidnei Isnard, de 18 anos, ficou 45 dias trabalhando numa

usina de açúcar. Chegou em sua casa, não achou a mulher, uma guarani de 14 anos.

Isnard saiu para procurá-la, encontrando-a num baile, abraçada com outro índio da mesma aldeia.

Relutou contra os seus princípios, mas resolveu perdoar a mulher. Não por muito tempo.

Angustiado, o índio bebeu por dois dias seguidos. Não agüentou. Retornou à casa dos pais, doou o que tinha para o irmão mais novo — uma bicicleta velha, um porco e uma vaca.

**Asfixia** — O pai, Severino Isnard, 51 anos, percebeu que o rapaz estava pensando em se matar. Conseguiu arrancar o cinto e a camisa do rapaz, deixando-o deitado ao lado da casa, no chão.

Sidnei, mesmo embriagado, conseguiu andar cerca de 200 metros até o local onde morreu asfixiado com a calça que vestia. "Ele amarrou a roupa em volta do pescoço e apertou com as mãos", conta o pai, chorando.

Com o suicídio do filho, Severino amargou, pela segunda vez, uma morte na família de forma violenta. Há dois anos, a menina Rosana Isnard, de 14 anos, irmã de Sidnei, matou-se por enforcamento.

A família acha que, a exemplo do irmão, a indiazinha morreu de tristeza. O índio guarani tem outros sete filhos, o mais velho com 11 anos de idade. "Tenho medo que possa acontecer isso com os outros", diz Severino.

Fotos: Hudson Correa



O índio Severino Isnard tinha nove filhos. Perdeu dois, que cometeram suicídio: "Agora tenho medo de que isso possa acontecer com os outros"

## Saída é ampliar reservas

Na opinião do mestre em História e ex-secretário do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Antônio Brand, a complicada situação do índio tem uma saída: ampliação das áreas, recuperação dos territórios perdidos e assistência às comunidades.

Brand estuda de perto a vida dos indígenas desde 1978. Ele conta que o índio trata o suicídio como uma doença, causada principalmente pelo modo de vida atual.

"A invasão da cultura dos brancos nas aldeias tem fragmentado a história do índio", afirma ele. "A comunidade indígena não está conseguindo levar uma vida de índio."

**Confinamento** — Brand vai mais longe: diz que os índios de Dourados estão confinados geogra-

ficamente. O historiador aponta a falta de uma política para regulamentar demarcações de terras indígenas.

Atualmente a reserva de Dourados é ocupada por cerca de nove mil índios. Estima-se que a área da reserva é de 3.500 hectares. Cada família tem direito a 400 metros quadrados de terras, em média.

Algumas famílias cultivam arroz, feijão e milho. Outras arrendam as terras por preços baixos e vão trabalhar em usinas.

Pelo menos dois mil homens trabalham fora da aldeia. Algumas lideranças indígenas da região afirmam que 30% das áreas da reserva de Dourados estão arrendadas para os brancos. Embora a operação seja ilegal, é do conhecimento da Funai.

Dos índios suicidas,

**166**

eram da etnia Kaiowá,

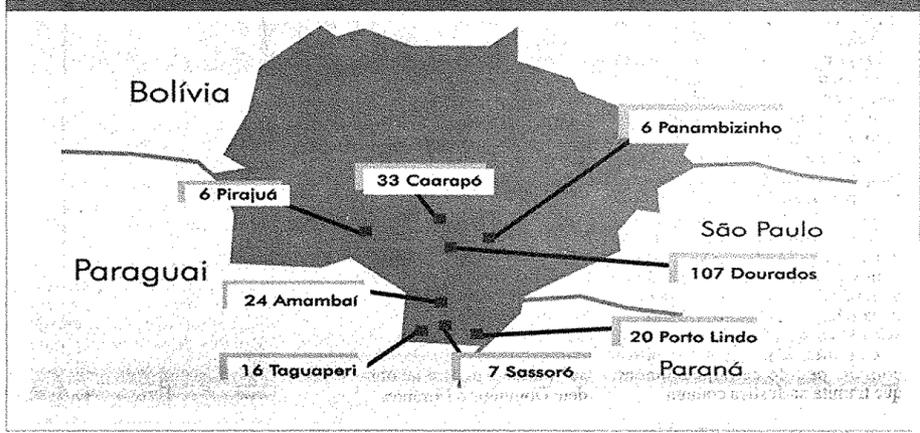
**28**

da tribo Nandeva e

**37**

de outras raças

### NÚMEROS MACABROS



O cacique Júlio: dança para espantar o assédio dos maus espíritos

## Cacique culpa os brancos

O cacique guarani Júlio Ortiz, 50 anos, é um mais respeitados rezadores da reserva dos guarani. Ele tem uma opinião formada sobre essa tragédia quase endêmica.

"É a influência dos brancos que tem deixado os índios como doentes mentais", afirma ele.

Ortiz é dono de uma grande tenda, conhecida como oca guacu (cura grande). Faz o que chama de "manifestações religiosas" todos os sábados e por 12 horas ininterruptas.

Vestidos de guerreiros, o cacique e seus parentes cantam e dançam para espantar os maus espíritos.

"É ele (o mau espírito) que traz às aldeias o suicídio", garante o cacique. Ortiz, que também vende raízes medicinais, diz que o índio se mata por desequilíbrio mental.

**Cachaça** — Mas ele aponta também coisas mais próximas da matéria, como a cachaça, os evangélicos e os

bailes, como fatores que influenciaram o suicídio.

Aliás, enquanto o rezador tem uma única tenda para reunir a comunidade indígena, os evangélicos se expandem de forma acelerada.

Somente na reserva de Dourados existem hoje 15 igrejas evangélicas. Mas, às vezes, ser evangélico não adianta muito. Genildo Martins, conhecido como "Kiko", tinha 12 anos de idade e era evangélico. Morava na aldeia de Porto Lindo, em Japorá.

Enforcou-se no dia 15 de outubro. No relatório da Funai, o garoto matou-se porque os pais não tinham dinheiro para comprar uma bicicleta.

O pequeno kaiowá Fortunato Escobar, que havia completado 10 anos de idade, se enforcou numa aldeia de Coarapó. Segundo parentes e amigos, Escobar pôs fim à vida por tristeza — o pai dele trabalha numa usina e a mãe havia desaparecido.

## Aldeia agora parece favela

Qualquer estudante questionaria os livros que contam a história do índio brasileiro se conhecesse de perto a reserva indígena de Dourados.

As aldeias Jaguadiru e Baroro, onde vivem comunidades dos guarani kaiowá e terena, parecem as miseráveis favelas das metrópoles.

Os índios não vivem mais em ocas, como mostravam as ilustrações dos livros escolares. Eles se abrigam em barracos cobertos geralmente com pedaços de plásticos — restos de sacos de supermercados.

As condições de saúde dessas aldeias são de morte. Existem dois açudes, onde são despejados diariamente restos orgânicos de animais e até fezes.

Mas é de lá que os índios retiram a água para beber, tomar banho ou para lavar roupas.

**Refeições** — As crianças têm uma escola. Para os kaiowá e terena, é *Tengatui Morangatu*, o local de ensino eterno. Trinta alunos frequentam a escola, que funciona precariamente.

Lá, as crianças aprendem noções da língua portuguesa — o que provoca a irritação dos pesquisadores, que preferem a implantação de um ensino mais apropriado à cultura indígena. Há estudos neste sentido, mas só para o próximo ano.

Em casas, as refeições seguem um cardápio pouco variado: arroz pela manhã, à tarde e, às vezes, também à noite.

"Quando tem, comemos galinha, mas na maioria dos dias servimos só arroz", diz a índia Elza Duarte, 49 anos, mãe de um garoto que se matou aos 13.

**Carne** — Elza diz que vida de índio não é fácil. Ela costuma dormir às 21h e levantar às 5h. Quando o marido sai para trabalhar nas usinas da região, cuida dos outros quatro filhos e de uma plantação de arroz.

O marido, o guarani Cassimiro Medina, 10 anos mais jovem que ela, é cortador de cana. O casal indígena conversou com o *Correio Braziliense* exatamente 15 dias depois do suicídio do filho.

Embriagado, Medina se mostrava triste e tinha dificuldades para falar, devido à ação do álcool. A única preocupação que conseguia demonstrar era com relação à alimentação familiar. Disse que tinha sido enganado por seus patrões e por isso, naquele dia, não comprou carne para a família.

O prato do dia seria apenas milho cozido. Pelo menos outras mil famílias da reserva levam uma vida semelhante à de Cassimiro e Elza.



Nas aldeias de Dourados, as ocas foram substituídas por barracos miseráveis feitos de plástico e cobertos com palha

### SOB SUSPEITA

## Algumas mortes são mal explicadas

O índio terena Paulo Daniel tinha 22 anos, mulher, dois filhos e, aparentemente, nenhum motivo para se matar. Há três anos, foi encontrado debruçado em um galho de goiabeira, morto, com um cinto enrolado no pescoço.

Caso semelhante ocorreu há 30 dias, na mesma reserva indígena, em Dourados. Francisco Duarte, de 13 anos, se enforcou dentro de sua casa.

Os dois morreram em circunstâncias duvidosas. No entanto, o exame de necropsia aponta que os índios se suicidaram.

O terena Daniel trabalhava numa usina e tinha uma renda boa para a região — três salários mínimos

mensais. Foi visto pela última vez discutindo com outros índios. Segundo seu pai, Narciso Daniel, 49, o rapaz estava sendo ameaçado porque se recusava a dividir suas terras com outro grupo, embora fosse o dono legal da área.

Após a discussão, o índio foi beber num bar, dentro da própria reserva. No dia seguinte, o pai foi avisado de que o filho havia se enforcado.

A família foi buscar o corpo. Mas o rapaz, conta o pai, tinha marcas de violência nas costas e pernas. O corpo foi levado para o IML de Dourados.

**Radinho** — No dia 29 de agosto,

um caso semelhante. O guarani Francisco, 13 anos, se enforcou num pedaço de madeira do telhado da casa, um barraco coberto de sapé.

O índio media 1,64 metro, mesma altura do pilar que usou para se enforcar. O guarani foi achado pela mãe, a índia Elza Duarte, 49.

Ele ouvia música num radinho comprado de camelôs de Dourados. As 22h disse à mãe que iria dormir. Na manhã seguinte, foi achado de joelho, morto.

A mãe do garoto garante que Duarte tinha marcas e manchas nas duas pernas e nas costas. No mapa elaborado pela Funai, Duarte e Daniel se enforcaram.